

**OS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES
E A EUROPA DO RENASCIMENTO**



**NUMISMÁTICA
E
MEDALHÍSTICA**

SEPARATA DOS CATÁLOGOS

Lisboa, 1986

INTRODUÇÃO

Ver a História nas Moedas
As moedas núcleo a núcleo
Moedas Comemorativas da XVII Exposição
Europeia de Arte, Ciência e Cultura

CONVENTO DA MADRE DE DEUS

Instrumentos de troca: a moeda
Moeda Muçulmana: morabitinos e dobras
portuguesas
A cunhagem portuguesa de imitação
A moeda do sistema europeu: moeda de bolhão
e moeda de prata
A depreciação da moeda no reinado de
D. Fernando de Portugal

CASA DOS BICOS

Medalhas-Retratos de figuras da Casa de Avis
A moeda no quotidiano da dinastia de Avis

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

Moedas renascentistas
Medalhas renascentistas

TORRE DE BELÉM

Moedas comerciais portuguesas na rota africana
e da Índia
Moeda Luso-Indiana
Moedas representando peças de armaria e
fortalezas
As moedas da Resistência de D. António nos
Açores

MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS

Evolução da moeda portuguesa de cobre
Evolução da moeda portuguesa de bolhão e de
prata
Evolução do ouro português amoedado
Da moeda-prestígio ao prestígio da moeda:
Portugueses e Portugalöers

BIBLIOGRAFIA

Numismática
Medalhística

VER A HISTÓRIA NAS MOEDAS

A XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura veio permitir a montagem de uma das maiores e mais completas exposições de numismática desde sempre realizadas no nosso País, concebida e realizada em moldes inéditos internacionalmente, abrangendo mais de 500 anos de História de Portugal, com especial incidência no período dos Descobrimentos.

Com o patrocínio do Comissariado para a XVII Exposição, e sob os auspícios do Conselho da Europa, foi possível reunir mais de 700 moedas e medalhas pertencentes às mais significativas colecções nacionais e estrangeiras, que doutro modo teria sido impossível exibir em conjunto.

O planeamento dos exemplares a expor e respectivos pedidos de empréstimo, teve início em princípios de 1982, após aprovação do plano expositivo que considerava a representação da moeda e da medalha em cada um dos cinco núcleos, de forma a concorrerem para a leitura dos respectivos temas.

Deste facto resultou um aspecto interessante: a numismática foi a única disciplina presente sectorialmente em todos os núcleos da XVII Exposição, apresentando, na globalidade, uma sequência ordenada de apoio histórico e documental, de acordo com o espírito da própria exposição.

Como resultado desse planeamento e para que a moeda pudesse responder a cada uma das temáticas propostas, rapidamente se chegou à conclusão de que, nos casos dos exemplares mais raros, o recurso às principais colecções nacionais era manifestamente insuficiente para se obter a cobertura completa dos 5 núcleos, havendo, portanto, necessidade de se recorrer a empréstimos de instituições estrangeiras, detentoras de importantes colecções de moedas portuguesas.

Por tal facto desde logo se pensou, também, em aproveitar esta ocasião única para se proceder à inventariação das mais raras moedas portuguesas na posse de museus estrangeiros, bem como ensaiar uma tentativa de detecção de exemplares desconhecidos, cujo registo da sua possível existência apenas constava em breves referências em crónicas ou em descrições coevas.

Lançou-se então um vasto pedido de informação

a 35 museus estrangeiros espalhados por todo o mundo, do qual resultou o empréstimo de 21 moedas de ouro e 1 de prata. Infelizmente não se conseguiu localizar o paradeiro desses tais famosos numismas desconhecidos, nomeadamente, a *dobra* de ouro de D. Pedro I, o *escudo* de ouro de D. Duarte I, o *português* e o *índio* de prata de D. Manuel I.

Obtida a confirmação da cedência das cerca de 700 moedas e medalhas requisitadas pelo Comissariado, a sua distribuição pelos diferentes núcleos obedeceu aos critérios definidos para as respectivas temáticas, de forma a evitar-se, tanto quanto possível, por razões de segurança, a dispersão de exemplares pertencentes a uma mesma colecção.

E a esse respeito será de referir o notável espírito de colaboração demonstrado pela grande maioria das entidades cedentes, quer nacionais, quer estrangeiras, nomeadamente:

- *Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Lisboa)*
- *União de Bancos Portugueses (Porto)*
- *Fundação Engenheiro António de Almeida (Porto)*
- *Fundação da Casa de Bragança (Vila Viçosa)*
- *Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa)*
- *Biblioteca Nacional (Lisboa)*

De uma *colecção particular*, veio o raríssimo *meio português de prata*, de D. Manuel I, de que se conhecem apenas dois exemplares; das instituições estrangeiras contactadas, vieram raros exemplares do *Museu Britânico*, do *Museu Histórico de Viena*, do *Museu de Hamburgo*, do *Museu de Amesterdão* e da famosa colecção numismática do *Museu da Universidade de Leiden*.

Na visita aos diferentes núcleos da XVII Exposição pode assim observar-se que as moedas e as medalhas renascentistas, como objectos da maior importância histórica e documental, ocuparam o seu lugar com naturalidade junto de outras notáveis peças que nos contam a história dos Descobrimentos e que hoje testemunham essa gesta heróica de um povo de fracos recursos, que modificou a história da Humanidade.

António Miguel Trigueiros

AS MOEDAS NÚCLEO A NÚCLEO

MOSTEIRO DA MADRE DE DEUS

(Os antecedentes dos Descobrimentos)

* Moeda muçulmana, morabitanos e dobras portuguesas

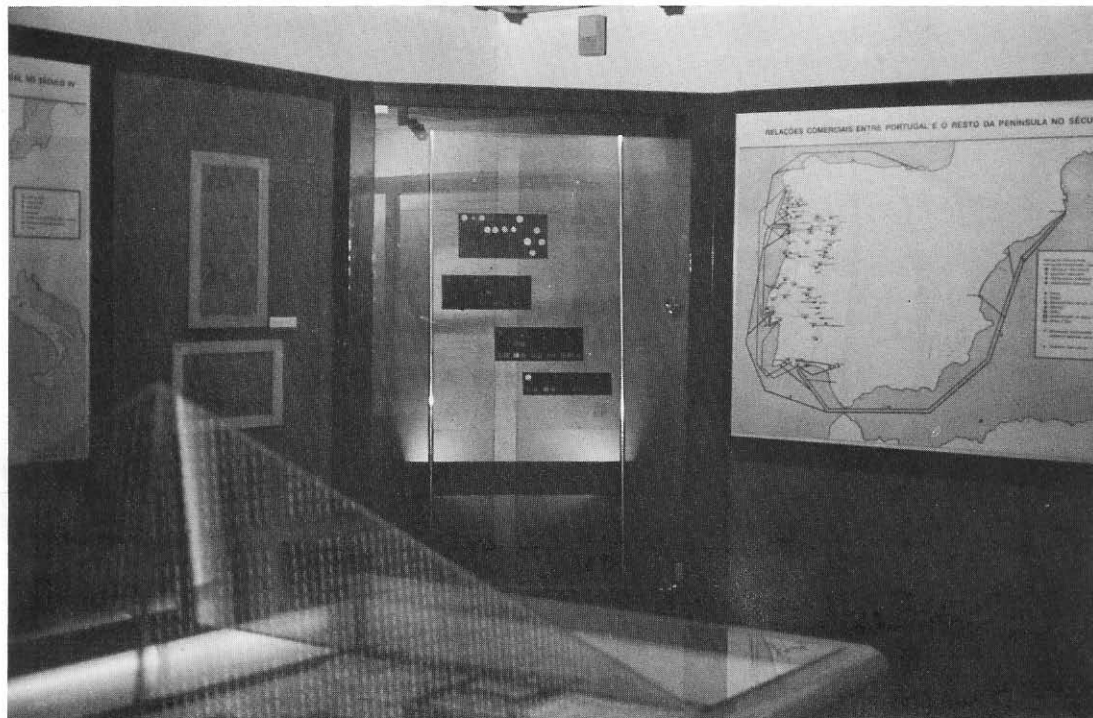
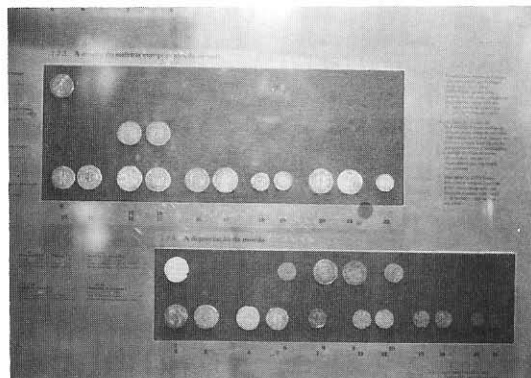
Dinares almorávidas e dobras almóadas. Morabitanos Portugueses de D. Sancho I, D. Afonso II e D. Sancho II. Dobras castelhanas de D. Pedro I e portuguesas de D. Fernando I. Moedas de ouro francesas.

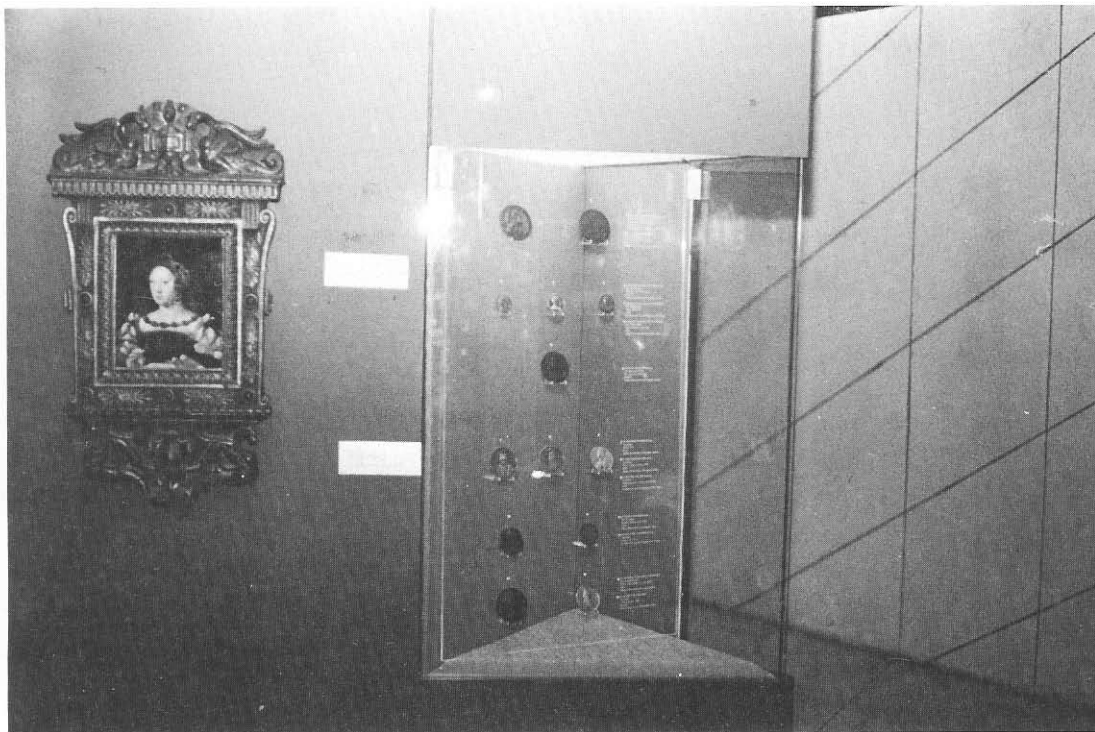
* As moedas do sistema europeu: dinheiros e torneses

Dinheiros de bolhão do sistema carolíngio, de Castela e dos primeiros reis portugueses. Tornês de D. Dinis I. Reais castelhanos de D. Pedro I e portugueses de D. Fernando I.

* As guerras com Castela e a depreciação da moeda

Moedas de D. Fernando I, torneses, barbudas, graves e pilartes de bolhão; gentil de ouro.





CASA DOS BICOS

(A moeda no quotidiano dos séculos XV e XVI)

* Independência nacional e quebra da moeda

As guerras da independência nacional e a desvalorização da moeda no reinado de D. João I: reais de prata, de bolhão e de cobre.

* As reformas de D. Duarte I e D. Afonso V

O real branco, nova unidade monetária. Escudo e cruzado de ouro de D. Afonso V. Moedas de bolhão e de prata. O aparecimento do ceitil de cobre, a mais popular moeda da Dinastia de Avis.

* A estabilização monetária

Vinténs e meios vinténs de D. João II. A reforma das armas nacionais. Justos, espadins e cruzados de ouro.

* Apogeu e declínio da moeda portuguesa

Cruzados, portugueses e São Vicentes de ouro; tostões e meios tostões de prata de D. Manuel I, D. João II e D. Sebastião. A pequena moeda de prata na circulação corrente. O aparecimento das grandes moedas de cobre.

* Medalhas — Retrato de figuras da Casa de Avis

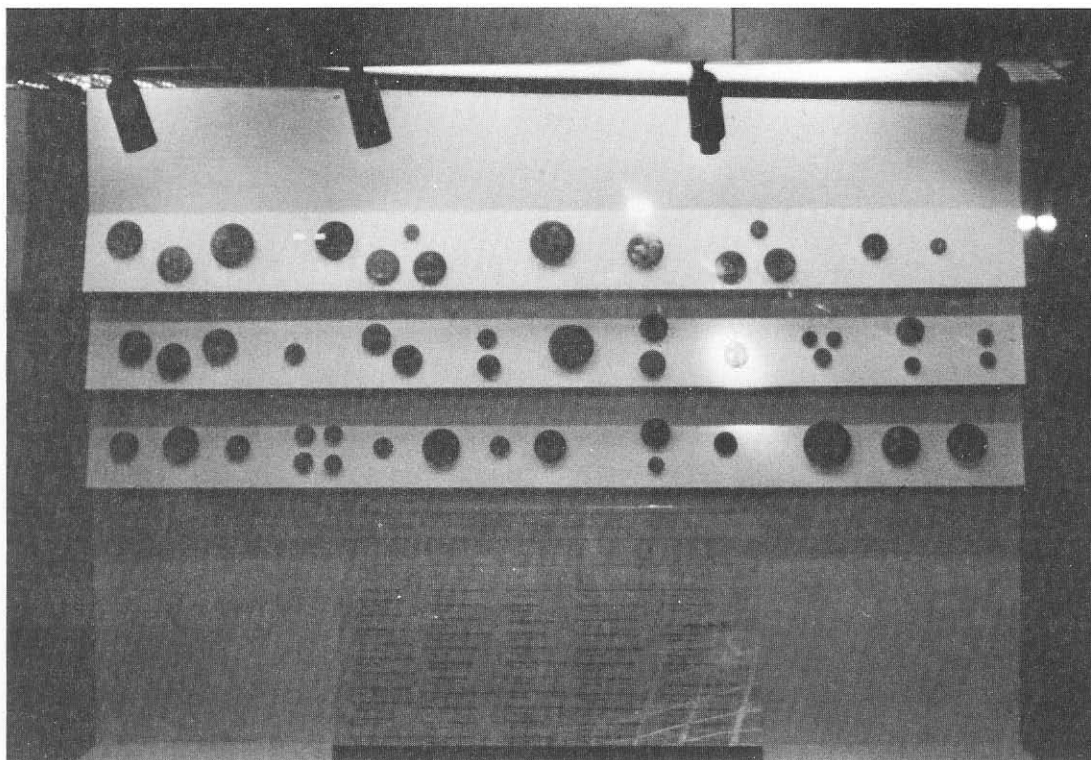
As famosas princesas portuguesas que ligaram a Casa de Avis às principais casas reais da Europa.

Leonor, imperatriz da Alemanha, Isabel, mulher de Carlos V, Beatriz, duquesa de Saboia, Maria, duquesa de Parma, Joana, mãe de D. Sebastião.

D. Sebastião; Filipe I.

*** Medalhas renascentistas**

Pisanello, Mateo de Pasti, Sperandio, Leone Leoni, Pastorino, etc. A medalha como a mais característica criação artística do renascimento italiano.



TORRE DE BELÉM

(A armaria nos séculos XV e XVI)

* Armas e fortalezas representadas em moedas

Dobras e barbudas de D. Fernando I.
Espadins de D. Afonso V e D. João II.
Ceitis de D. Afonso V.

* Moedas da rota

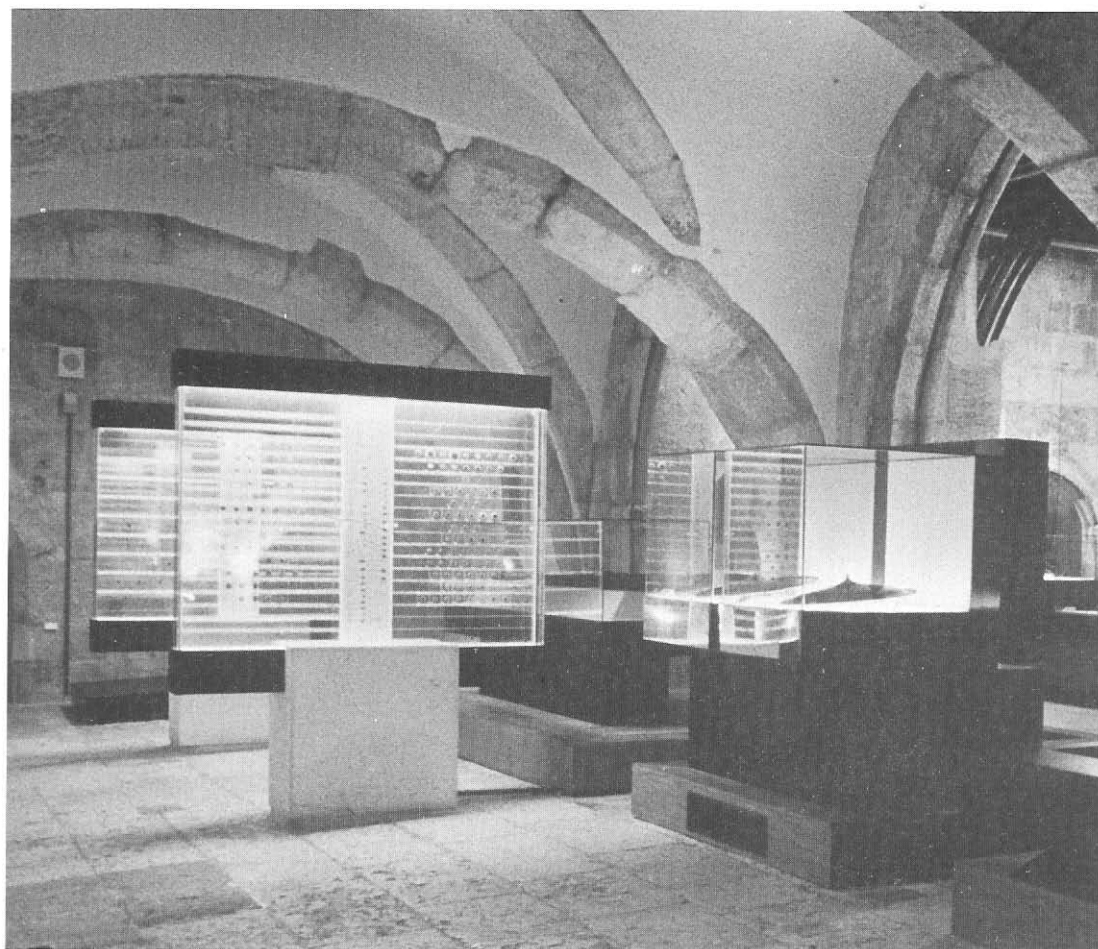
As principais moedas de ouro e prata utilizadas
na rota comercial africana e da Índia.

* Moeda luso-indiana

Evolução da moeda portuguesa cunhada na
Índia, desde 1510 até ao reinado de D. João IV.

* Moedas de D. António Prior do Crato

As moedas da resistência armada de
D. António nos Açores.





MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS

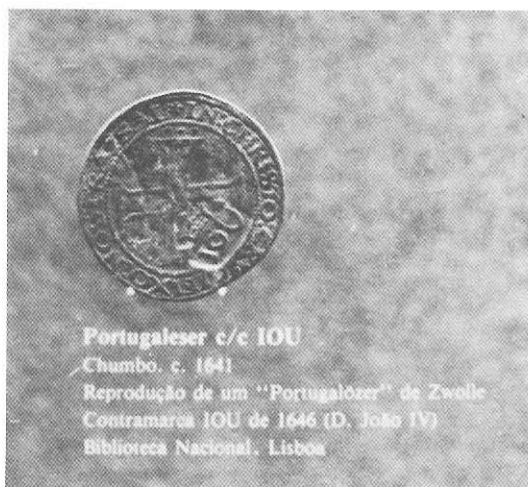
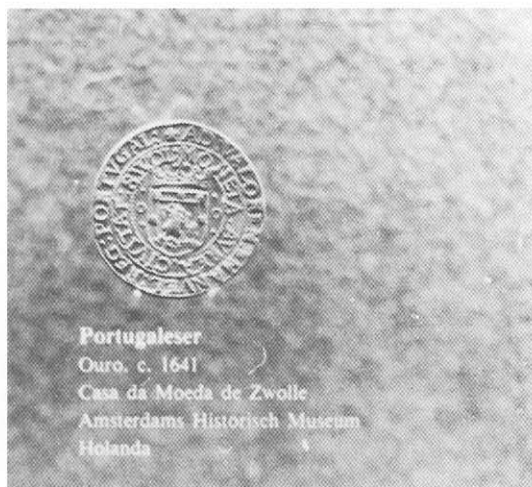
(O desenvolvimento da economia nacional)

- * Nascimento e evolução da moeda portuguesa de cobre, 1415-1656
- * Evolução da moeda portuguesa de bolhão e de prata, 1383-1656

* Ouro português amoadado, 1438-1656

* Da moeda-prestígio ao prestígio da moeda: «portugueses» e «portugalóides»

Projecção mundial dos famosos «portugueses» de ouro de D. Manuel I e D. João III e as imitações estrangeiras que deles se fizeram na Alemanha, na Holanda e na Dinamarca.





MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

NÚCLEO COORDENADO POR:

José Borges de MACEDO

RESPONSÁVEL MUSEOLÓGICO

Maria Alice BEAUMONT

Ilda AREZ

PROJECTO, MONTAGEM, DESIGN

João de ALMEIDA

Pedro Ferreira PINTO

Padro Emaús SILVA

Coordenação:

Sebastião de CARVALHO,
Engenheiros e Consultores, Lda.

Luz e Som:

Projel, S.A.R.L.

MOEDAS RENASCENTISTAS

Anv.	Anverso
ca.	cerca de
cm.	centímetros
Col.	Colecção
d.C.	depois de Cristo
ϕ	diâmetro
g.	gramas
inv.	inventário
mm.	milímetros
Rev.	Reverso
s. d.	sem data
séc.	século(s)
s. inv.	sem n. de inventário
s. n.	sem número

MOEDAS RENASCENTISTAS ITALIANAS

O interesse pelo estudo das antiguidades clássicas, entre as quais se incluíam as moedas romanas, associado ao desenvolvimento da medalha como nova forma de expressão retratista, influenciou o renascimento da arte do retrato monetário, cujos primeiros exemplos apareceram em meados do século XV em Milão (*ducado de ouro de Francisco I Sforza, 1450-1466: ϕ 22 mm, peso 3.51 g*) e em Nápoles (*coronado de prata de Fernando I de Aragão, 1458-1494: ϕ 27 mm, peso 3.93 g*). Estas primeiras experiências, no entanto, tendo sido realizadas em discos monetários de reduzido módulo ou peso e espessura, correspondente às moedas correntes na época, não favoreciam a gravação de grandes relevos, limitando assim a própria expressão retratista.

Em 1472 e como resultado de uma maior abundância de prata, nomeadamente pela descoberta de novos jazigos em Schwaz, no Tirol, Veneza lança uma espécie monetária mais pesada (6.5 gramas, ϕ 27 mm), denominada *lira* (de *lira*, a antiga unidade de conta dos Romanos) e no valor de 20 soldos de prata, ostentando no anverso o busto do doge Nicolò Tron (1471-1473). Mal recebida pelos cidadãos da República, ressentidos pelo aparecimento do retrato do seu governante numa moeda-prática considerada como indicadora de um poder real ou imperial — a *lira* veneziana acabaria por ser retirada da circulação, não sem antes ter influenciado a emissão de uma peça do mesmo valor pelo seu poderoso rival e vizinho ducado de Milão.

Por essa época, Milão era o grande centro de inovação medalhística, onde se ensaiava um novo processo de produção de medalhas, por cunhagem, em vez do processo original de moldagem por fundição. E se já existia alguma experiência anterior na gravação de efígies monetárias, com o lançamento de uma espécie monetária de maior dimensão e espessura (ϕ 29 mm, peso 9.8 g), os medalhistas milaneses puderam criar desde então algumas das maiores obras primas do retrato renascentista, ao mesmo tempo que se aperfeiçoavam os próprios instrumentos de cunhagem.

Cristoforo Caradosso Foppa (activo de 1470 a 1526), considerado como um dos mais notáveis medalhistas da Renascença e, juntamente com

Gianfrancesco Enzola, um dos impulsionadores da arte da medalha cunhada, foi o autor das gravuras da primeira moeda de retrato do duque Galeazzo Maria Sforza (1466-1476), cunhada em 1474: no anverso, o busto couraçado do duque, de perfil à dir., cabeça descoberta e cabelos frisados caindo sobre a nuca; no reverso, as armas ducais.

Inicia-se com esta moeda uma série de expressivos retratos dos duques e senhores de Milão até meados do século seguinte, e que constitui o que de mais artístico se amoeudou na Itália Renascentista.

Apesar do retrato em moeda ter sido evitado nos Estados republicanos — em Génova só aparece durante o domínio milanês, de 1488 a 1494; e, em Florença, apenas depois de 1532, com o primeiro duque Alexandre I Médici — foi rapidamente assimilado nas amoedações senhoriais, dando origem à vulgarização do nome «testone» (de *testa* ou cabeça), designação por que ficou a ser conhecida a moeda de uma lira.

A inovação da moeda renascentista italiana cedo se estendeu à Europa. Na Inglaterra ensaia-se em 1504, no reinado de Henrique VII (1485-1509), a cunhagem do primeiro *testoon* de prata (ϕ 30 mm, peso 9.33 g), no padrão dos *testones* italianos e ostentando uma efígie aperfeiçoada do monarca; na França e por influência das conquistas italianas de Luís XII d'Orleães (1497-1515), a casa da moeda de Paris lança em 1513 o *teston* de prata (ϕ 30 mm, peso 9.6 g), imitação dos *testones* milaneses lavrados em nome do soberano francês durante o período do domínio do ducado de Milão (1500-1512). Será ainda por influência de medalhistas italianos que serão cunhadas, no norte da Europa, as efígies monetárias do imperador Carlos V e de Filipe II de Espanha.

A moeda de retrato reaparece, assim, na Europa renascentista, como o correspondente monetário da arte medalhística, passando a ilustrar o perfil e o busto do soberano com notável realismo e pormenor, em substituição das figurações representativas e alegóricas, características das amoedações medievais.

A ourivesaria e a moeda manuelina

Em Portugal, contudo, a influência da nova gravura numismática italiana não se fará sentir antes de 1544, ano em que são lavradas as primeiras moedas portuguesas de figuração renascentista.

No reinado de D. Manuel I mantêm-se os tipos monetários tradicionais, apesar de terem sido criadas, desde 1499, novas e mais pesadas moedas, que poderiam ter servido de suporte à divulgação da efígie real, se a tanto chegasse o engenho e a arte dos ourives gravadores da Casa da Moeda de Lisboa.

Tal não viria a suceder e o impressionante número do rei-mercador passa a ostentar gravuras de valor simples, se não mesmo tosco, evidenciando claros propósitos de propaganda e de afirmação internacional dos símbolos nacionais que os Descobrimentos prestigiaram.

Apesar dos abridores de cunhos para moeda serem também ourives, como é o caso dum certo Diogo Rodrigues, ourives da rainha D. Isabel, nomeado em 1497 para a Casa da Moeda de Lisboa e presumível autor das gravuras dos primeiros *portugueses* de ouro, ou de um outro que lhe sucedeu nesse cargo em 1523, Diogo Álvares, ourives do infante D. Fernando, irmão de D. João III, verifica-se que o primitivismo artístico da moeda portuguesa contrasta vivamente com a riqueza do debuxo e a exuberância ornamental da ourivesaria manuelina, cujo exemplo mais acabado é a conhecida Custódia de Belém, em exposição nesta sala.

Já no reinado de D. João III e após os primeiros lavramentos, ainda segundo os tipos anteriores, a moeda de ouro e de prata evidencia uma maior preocupação de estilização dos diversos elementos da gravura, símbolos e legendas, bem como uma superior qualidade de acabamento.

Esta significativa mudança de estilo teve lugar no início deste reinado, em 1525-1526, quando o citado ourives Diogo Álvares foi encarregado de abrir novos cunhos para moedas — *portugueses*, *cruzados* e *tostões* — melhores e mais perfeitos que os anteriores, o que fez, sendo aprovadas pelo rei as amostras tiradas, logo enviadas à Casa da Moeda, em 23 de Outubro de 1525, como padrão dos «cunhos novos», cuja perfeição, bitola e grandeza deviam ser mantidas nas futuras amoedações.

A simples comparação das gravuras das famosas moedas de *português* em exposição, a primeira do reinado de D. Manuel I e as outras duas do reinado de D. João III, permite exemplificar a mudança de tipologia e de tratamento ornamental, então verificada, sem contudo se ter alterado a simbologia das figurações monetárias originais.

Moedas portuguesas de figuração renascentista

A progressiva desvalorização monetária verificada durante o reinado de D. João III, obrigando à criação de novas moedas e ao consequente abandono das emissões anteriores, irá possibilitar o aparecimento de tipologias monetárias inovadoras, mais adequadas ao carácter piedoso do soberano e às tendências artísticas da época.

Em 1538 proíbe-se o lavramento normal dos grandes *portugueses* de ouro, ao mesmo tempo que se baixa o título da liga dos *cruzados* (400 reais), que desde então passam a ostentar no reverso a inovação «In Hoc Signo Vinces».

Uma segunda redução da liga do ouro amoedado, verificada em 1544, origina a criação de um novo tipo de cruzado, chamado *calvário* em virtude de representar no reverso a cruz-insígnia da Inquisição Portuguesa (*em exposição noutros Núcleos*). Na mesma ocasião é criada uma nova espécie monetária, com o valor de 1000 reais, de peso e módulo mais elevados (31 mm), destinada a correr em todos os senhorios portugueses, mas logo enviada para circulação na Índia.

Denominada *escudo de S. Tomé* no alvará de 26 de Outubro de 1544 que determinou o seu lavramento, esta nova moeda (*em exposição no Núcleo da Torre de Belém, painel da moeda luso-indiana*) apresenta gravuras que rompem definitivamente com o arcaísmo das tradicionais figurações monetárias portuguesas. No reverso, a imagem de São Tomé, de pé e envergando largos panejamentos pregueados, à romana, é tratada com tais cuidados na modelação e proporção dos volumes, que não deixa dúvidas sobre a influência renascentista italiana, maneirista, no seu desenho criador. No anverso mantêm-se o escudo coroadado das armas reais, como motivo central, mas agora prolongado até à bordadura superior.

Trata-se de uma moeda de rara beleza e cuidada arquitectura, em ambas as faces, inovadora na disposição relativa das figurações e legendas. harmoniosa e elegante no seu conjunto, concebida de acordo com as ideias do Renascimento e amoldada com o ouro indiano dos Descobrimentos.

Foram seus autores o ourives Diogo Álvares, que abriu os cunhos segundo os desenhos de António de Holanda (ca 1490-1558) e de seu filho Francisco de Holanda (ca 1517-1584), este último considerado como «o mais importante artista da Renascença em Portugal» (Jorge Segurado), arquitecto, pintor, desenhador e escritor humanista, cuja obra se encontra representada noutra secção deste núcleo expositivo.

São também da autoria dos d'Holanda os desenhos para outras moedas de ouro dos reinados de D. João III e de D. Sebastião, como o próprio Francisco de Holanda nos deixou memória no seu conhecido tratado «*Da Fabrica Que Falece Há Cidade de Lisboa*» (1517), 2.^a parte, «*Lembrança Ao muito Sereníssimo e Cristianíssimo Rei Don Sebastião: De quanto serve a Ciência do Desenho e Entendimento da Arte da Pintura, na República Cristã assim na Paz como na Guerra*»:

«*De quanto serve a Ciência do Desenho: no serviço Delrei.*

(...)

Pode servir no debuxo das novas moedas em que muito vai e se tem feito grandes erros: mas não pelos debuxos que com muita descrição e cuidado fizemos para os S. Thomas e S. Vicente de ouro eu e o meu Pai. E para outros Pardaus, e o que foi por outra via da Prata e Cobre bem se sabe de todo o Portugal em que parou.» (cap. IV)

Além do *escudo de São Tomé*, a que já nos referimos e que passa a representar a primeira moeda portuguesa de figuração renascentista, será de atribuir à pena dos dois d'Holanda o desenho dos menos conhecidos *pardaus São Tomé* (em exposição no Núcleo da Torre de Belém), moedas de ouro lavradas em Goa desde o governo de Garcia de Sá (1548-1549), provavelmente com cunhos abertos em Lisboa ou com base nos desenhos enviados de Portugal.

Moeda de reduzidas dimensões (φ 18-19 mm), apresenta no reverso a figura do Santo com o

mesmo tipo de estilo cuidado, mas agora em posição sentada, solução que se adapta magistralmente ao espaço disponível.

São estes, sem dúvida os *pardaus* a que Francisco de Holanda se refere e que até hoje não tinham sido identificados pelos estudiosos da sua obra.

Mais conhecidos e admirados, porque mais abundantes, os *São Vicente* e *meio São Vicente* de ouro, lavrados desde 1555 até 1560 na valia de 1000 e 500 reais, respectivamente, apresentam-nos dois tipos bem distintos da imagem do Santo Padroeiro da cidade de Lisboa.

No primeiro, a que correspondem as amoedações do reinado de D. João III, a figura erecta de São Vicente, envergando dalmática e portanto os seus atributos (palma de martírio e nau portuguesa), tem inegáveis similitudes de traço e de composição com as do São Tomé de 1544, muito embora figure, no anverso, um escudo real de desproporcionadas dimensões, em desacordo com a harmonia estética conseguida na moeda anterior. De notar, ainda, na moeda de *meio São Vicente* (φ 24 mm), a representação do Santo de meio corpo, singularmente bem adaptada ao valor nominal desta espécie.

Falecido António de Holanda cerca de 1555-1556, as figurações monetárias dos *São Vicente* lavrados no reinado de D. Sebastião, de 1558 a 1560, e a que corresponde um segundo tipo bem diferenciado, são de atribuir exclusivamente ao desenho de Francisco de Holanda.

Apesar de ter sido mantida a imagem de corpo inteiro, a supressão do exergo e dos pés (nos 1000 reais) permitiu a criação de uma figura de maiores dimensões (ocupa mais de metade do campo da moeda, contra um terço nas anteriores) e riqueza de pormenores, que se adivinham na perfeita representação da cabeça, da nau e nos adornos da dalmática (gola larga, borlas e franjas).

Mais notável ainda é o movimento impresso ao corpo do Santo, olhos postos no céu, cotovelo direito bem recuado, tronco inclinado à esquerda e panejamentos pregueados, inferiores, inclinados à direita, numa delicada harmonia sinusoidal, sem comparação nem continuidade na gravura numismática portuguesa, demonstração exemplar da criatividade artística de Francisco de Holanda e da sua ciência do desenho ao serviço das moedas de el-rei.

A.M.T.

1 — MOEDAS ITALIANAS



164. TESTONE DE MILÃO

Anv. — LVDVICVS . PATRVVS .
GVBNANS, entre cercaduras peroladas. Busto
de perfil à direita, de cabeça descoberta.
Rev. — IOGZ . M. SF . VICE CO DVX MLI
. SX, entre cercaduras peroladas. Busto de
perfil à direita, de cabeça descoberta.

Lodovico Sforza «Il Moro» e Giovanni
Galeazzo

Maria Sforza, 6.º duque de Milão (1481-1494)
Casa da Moeda de Milão
Prata, ϕ 28 mm; Peso, 9,6 g

Lisboa, MNP, inv. 20863

Segundo alguns autores, os desenhos deste
tostão são da autoria de Leonardo da Vinci,
que desde 1482 se encontrava ao serviço de
Ludovico-o-Mouro.

A gravação dos cunhos é atribuída ao famoso
medalhista Cristoforo Caradosso, um dos
grandes impulsionadores da arte da medalha
cunhada e que trabalhou em Milão até à
conquista da cidade, pelos franceses.

165. ENSAIO DO DUCATÃO DE PRATA

Anv. — LVDVIC' C DCG REX FRANCOR.
Ao centro, o escudo da França, coroado e
ladeado por dois lises, dentro de cercadura
perolada, interrompida na parte superior.
Rev. — MEDIOLA — NI DVX (lis)
Ao centro, S. Ambrósio sentado de face,
nimado, com mitra e paludamento, segurando
o látego na mão direita e o báculo na mão
esquerda. Cercadura lisa.

Reinado de Luís XII d'Orleães, duque de
Milão (1500-1512)
Casa da Moeda de Milão
Ouro; ϕ 27 mm; Peso 6,90 g
Lisboa, FAA, inv. 293

164. TESTONE DE MILÃO



166. DUCADO

166. DUCADO

Anv. — LVDO : FRAN : REGNI : G. NEAP. R.
Busto de perfil, à direita, coroado, cabelos
compridos sobre o pescoço e interrompendo a
legenda na parte inferior.
Rev. — PERDAM : BABILLONIS . NOMEN.
Ao centro, o escudo da França coroado,
interrompendo a legenda na parte superior.
Cercadura granulada.

Reinado de Luís XII d'Orleães, durante a
ocupação do reino de Nápoles (1502-1504)
Casa da Moeda de Nápoles
Ouro; ϕ 23 mm; Peso 6,96 g

Lisboa, FAA, inv. 291

2 — MOEDAS PORTUGUESAS



167. PORTUGUÊS

167.

PORTUGUÊS

Anv. — + I : EMAIVEL : R : PORTVGALIE : AL : C : VL : IN : A : D : G // C . N . C . ETIOPIE : ARABIE PERSIE : IDE, em duas coroas de círculos concêntricas, separadas por cercadura perolada.

Ao centro, as armas do Reino coroadas, dentro de cercadura lisa e ladeadas por dois aneletes.

Rev. — : IN : : HOC : : SIGNO : : VINCES : . Ao centro, a cruz da Ordem de Cristo, dentro de cercadura lisa, tendo três pontos no braço superior e um ponto no centro.

Reinado de D. Manuel I (1495-1521)

Amoedações posteriores a 1499

Casa da Moeda de Lisboa

Ouro; ϕ 35 mm; Peso 35,4 g

Lisboa, FAA, inv. 487



168.

PORTUGUÊS

Anv. — ✠ IOANES : 3º : PORTVGALIE : AL : D : G : O : N : O : ETI. Ao centro as armas de Portugal coroadas, ladeadas por L — R. Circundado o escudo, por baixo, a inscrição, ARAIPP : S : IE : INDIE ;, numa cartela.

Rev. —. IN : ▷ : HOC : ▽ : SIGNO : ▷ : VINCES. Ao centro a Cruz da Ordem de Cristo, dentro de uma cercadura granulada e circundada por um fio ornamental.

Reinado de D. João III (1521-1557)

Amoedações posteriores a 1525

Casa da Moeda de Lisboa

Ouro, ϕ 38 mm; Peso 35 g

Lisboa, FAA, inv. 489



168.

PORTUGUÊS

169.

PORTUGUÊS

169.

PORTUGUÊS

Anv. — ✠ IOANES : 3 : R : PORTVGALIE : AL : C : G : C : N : C : ETI. Ao centro, as armas do Reino coroadas, ladeadas por L — R e por cartela com a inscrição ARAB — PSIE. Rev. — : ✠ : IN : ▽ : HOC : ▷ : SIGNO : ▽ : VINCES. Ao centro, A Cruz da Ordem de Cristo, dentro de uma cercadura perolada e circundada por um fio ornamental.

Reinado de D. João III (1521-1557)

Amoedações posteriores a 1525

Casa da Moeda de Lisboa

Ouro, ϕ 39 mm; Peso 38,83 g

Lisboa, FAA, inv. 489



**170.
SÃO VICENTE**

Anv. — IOANNES : III : REX : PORTV : ET AL. Ao centro as armas do Reino coroadas, interrompendo a legenda na parte superior.
Rev. — ZELATOR FIDEI — VSQUE AD MORTEM. Ao centro, entre duas estrelas, a figura de S. Vicente, nimbado, de pé e corpo inteiro, segurando na mão direita a palma do martírio e na mão esquerda um galeão, envergando dalmática com mangas até ao cotovelo e gola no pescoço, donde pende um cordão.

Reinado de D. João III (1421-1557)
Amoedações desde 1555
Casa da Moeda de Lisboa
Ouro; ϕ 31 mm; Peso 7,5 g

Lisboa, FAA, inv. 491

A veneração dos reis de Portugal ao Santo Padroeiro da cidade de Lisboa, que remonta aos primórdios da Nacionalidade, assume particular expressão nos reinados de D. João II e de D. Manuel I, com a construção da famosa *Torre de São Vicente a par de Belém* e no reinado de D. João III, com a homenagem da figuração da sua imagem em moeda de ouro, valiosa representação iconográfica do Santo.

A legenda do reverso é formada pelo título conferido por Paulo III ao monarca português introdutor do tribunal da Inquisição em Portugal, «ZELATOR FIDEI» (*Zelador da Fé*), complementado por «USQUE AD MORTEM» (*até à morte*). De notar, em particular, o diferente posicionamento do início das legendas: no reverso, em baixo junto ao exergo; no anverso, apenas orlando o escudo real.



**171.
MEIO SÃO VICENTE**

Anv. — IOANNES : III : R : PORTVGAL : $\mathbf{+}$. Ao centro, as armas do Reino coroadas, interrompendo a legenda na parte superior.
Rev. — ZELATOR : FIDEI : VSQVE AD. Ao centro o busto de S. Vicente, de meio corpo à direita, nimbado, segurando a palma na mão direita e um galeão na mão esquerda.

Reinado de D. João III (1421-1557)
Amoedações desde 1555
Casa da Moeda de Lisboa
Ouro; ϕ 24 mm; Peso 3,5 g

Lisboa, FAA, inv. 492



**172.
SÃO VICENTE**

Anv. — $\mathbf{+}$ SEBASTIANVS : I : REX : PORTVGALLIE : ET. Ao centro as armas do Reino coroadas, sem interferir na legenda.
Rev. — ZELATOR : FIDEI : VS — QVE : AD : MORE — M. Ao centro, entre duas estrelas, a figura de São Vicente, nimbado, de pé e à direita, segurando a palma e o galeão, envergando dalmática com gola, borlas e mangas com franja até ao cotovelo.

**170.
SÃO VICENTE**

**171.
MEIO SÃO VICENTE**

**172.
SÃO VICENTE**

Reinado de D. Sebastião (1557-1578)
 Amoedações de Fev. 1558 a Nov. 1559
 Casa da Moeda de Lisboa
 Ouro; ϕ 32 mm; Peso 7,5 g

Lisboa, FAA, inv. 499.

Este segundo tipo de *São Vicente*, além de apresentar uma diferente gravura da imagem do Santo, com grande riqueza de pormenores, tem ainda a particularidade de se regressar, no anverso, à clássica solução de legenda fechada, envolvendo por completo as armas reais. No reverso, a legenda tem início na parte superior.

*



173. SÃO VICENTE

Anv. —. ✠ SEBASTIANVS : I : REX : PORTV GALLIE. Ao centro as armas do Reino coroadas e ladeadas por P—O, sem interferir na legenda.

Rev. — ZELATOR : FIDEI : VS—QVE : AD : MORTEM. Ao centro, entre duas estrelas, a figura de São Vicente, nimbado, de pé e à direita, segurando a palma e o galeão, envergando dalmática sem adornos, com gola e borlas.

Reinado de D. Sebastião (1557-1578)
 Amoedações de 1558 a 1559
 Casa da Moeda do Porto
 Ouro; ϕ 31 mm; Peso 7,55 g

Lisboa, FAA, inv. 502

Apesar dos primorosos desenhos de Francisco de Holanda, a perícia do abridor de cunhos era essencial à sua correcta interpretação e gravação no metal, como se pode comprovar neste exemplar lavrado na Casa da Moeda do Porto e que ostenta uma figura de São Vicente deformada e grotesca, pálida imagem da harmoniosa composição desse grande artista renascentista.



174. SÃO VICENTE

Anv. — ✠ SEBASTIANVS : I : REX : PORTV GALLIE : ET. Ao centro, as armas do Reino coroadas, ladeadas por L—G e por duas setas viradas para baixo.

Rev. — ZELATOR : FIDEI : VS—QVE : AD : MORTEM. Ao centro, entre duas estrelas, a figura de São Vicente, nimbado, de pé e à direita, segurando a palma e a caravela, envergando dalmática sem adornos, com gola e borlas.

Reinado de D. Sebastião (1557-1578)
 Amoedações de Nov. 1559 a Jan. 1560
 Casa da Moeda de Lisboa
 Ouro; ϕ 30 mm; Peso 7,35 g

Lisboa, FAA, inv. 501

No anverso as armas do reino são flanqueadas por duas setas, alusão à relíquia do mártir S. Sebastião, presenteada ao soberano português pelo Papa Gregório XIII. Em Janeiro de 1560 foi interrompida a cunhagem dos *São Vicente* e *Meio São Vicente* e estas últimas substituídas por uma nova moeda de 500 reais, ostentando a Cruz de Cristo no reverso.

Não teve continuidade, nem discípulos, a ciência do desenho de moedas advogada por Francisco de Holanda. Perdida a ideia renascentista, a moeda portuguesa regressa às figurações meramente simbólicas, numa monótona uniformidade que só será quebrada no reinado de D. João V.

173.
SÃO VICENTE

174.
SÃO VICENTE